

Festas e diversões em Oliveira, Minas Gerais, no final do século 19: um novo olhar a partir de um periódico local¹

Parties and diversions in Oliveira, Minas Gerais, at the end of the 19th century: a new look from a local periodical

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral*

<https://orcid.org/0000-0002-3272-1174>

Resumo

Este artigo descreve e interpreta a história das diversões em Oliveira, Minas Gerais, no final do século 19. Todavia, ao invés de enfatizar unilateralmente as inovações modernizadoras que estavam em curso naquele momento, tal como fazem outros estudos, a presente interpretação, em sentido ligeiramente diferente, é a de que Oliveira e seus lazeres se desenvolveram nesse período em meio a uma estrutura lúdica ambivalente, em que coexistiam práticas inovadoras, entendidas como sofisticadas e de bom gosto, e práticas tradicionais, entendidas como arcaicas e atrasadas, sendo as últimas negligenciadas por cronistas da imprensa por estarem à margem de um novo imaginário citadino, comprometido com uma moderna escala de valores.

Palavras-chave: História; diversões; Oliveira, MG.

Abstract

This article describes and interprets the history of entertainment in Oliveira, Minas Gerais, at the end of the 19th century. However, instead of unilaterally emphasize the modernizing innovations that were underway at the time, as other studies do, the present interpretation, in a slightly different approach, believes that Oliveira and its leisure activities were developed during this period, amid an ambivalent ludic structure, where innovative practices coexisted, were understood as sophisticated and of a good taste, and traditional practices that were seen as archaic and tardy, and were neglected by press chroniclers for being considered outcasts in a new city imaginary, which was committed to a modern scale of values.

Keywords: History; diversions; Oliveira, MG.

* Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: dvoamaral@gmail.com

¹ Este texto é uma versão ampliada e revista de um dos capítulos da tese de doutorado, defendida em dezembro de 2021, no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada *Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925*. A pesquisa recebeu apoio financeiro da CAPES.

Nos últimos anos, tivemos a realização de um grande número de pesquisas sobre as transformações no universo do lazer em cidades do interior de Minas Gerais, no período de transição entre os séculos 19 e 20, a exemplo de Ouro Preto, Juiz de Fora, Cataguases, Barbacena, Campanha, Itajubá, Pouso Alegre, São João del-Rei, Diamantina, Montes Claros e Divinópolis.² A maioria desses estudos usa como principal fonte de pesquisa os jornais que circularam nessas localidades, chegando a conclusões semelhantes. De maneira geral, os estudos das cidades mencionadas concluem que essa época testemunhou uma transformação na esfera da cultura que correspondia, entre outras coisas, a uma assimilação de novas oportunidades de lazer entendidas pelas elites letradas como mais modernas e em conformidade com os principais centros do Brasil e da Europa. As companhias de circo e outras artes ambulantes que circulavam pelo interior do Brasil, a inauguração de espaços para teatro, cinema, café, bilhar, charutaria e esportes, ou ainda a organização de desfiles do carnaval veneziano são apenas algumas das novidades lúdicas exploradas por esses trabalhos.

De outra parte, em que pese o crescente *corpus* bibliográfico, um montante expressivo dessas interpretações subestima as práticas de lazer mais tradicionais que continuaram existindo no cotidiano das localidades mineiras. Festas, jogos, reuniões íntimas e outras sociabilidades ligadas ao mundo rural são, via de regra, deixadas em segundo plano ou mesmo invisibilizadas, ao passo que as inovações no ramo do entretenimento que despontaram nas sedes urbanas recebem uma atenção privilegiada. Em parte, esse viés em favor da inovação e do esforço modernizador, reproduz e reflete a própria natureza das fontes nas quais estas pesquisas estão ancoradas, os jornais. A

² Cf., respectivamente: BIBBÓ, Caroline Bertarelli. *Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017; SOARES, Priscila Gonçalves. *História das práticas corporais e diversão na Zona da Mata mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguases/MG e Juiz de Fora/MG*. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 405-428, dez. 2018; SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018; NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017; SADI, Renato Sampaio; ADÃO, Kleber do Sacramento (Orgs.). *Lazer em São João del-Rei: aspectos históricos, conceituais e políticos*. São João del-Rei: UFSJ, 2011; OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016; SILVA, Luciano Pereira da. *Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. *Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920*. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, jul./dez. 2017.

imprensa nesse momento irá atuar como uma espécie de “farol de civilização”, capaz de jogar luz sobre realizações que deveriam ser celebradas por serem marcos de progresso, bem como sobre aquelas que deveriam ser condenadas por representarem costumes atrasados.³ É nesse contexto que as pesquisas sobre a mutação do *modus vivendi* em cidades do interior de Minas Gerais, na virada para o século passado, tendem a tomar como realidade uma perspectiva das elites letradas que julgavam ter a missão de guiar os moradores citadinos para uma certa civilidade entendida como a ideal, e que dizia respeito a esse repertório moderno de práticas de lazer.

A historiadora Regina Horta, em seu estudo clássico sobre a história do circo e do teatro em Minas Gerais no século XIX, aparentemente acompanhando essa tendência historiográfica em que o lazer é visto pelo olhar das elites letradas, ávidas por lazeres modernos, registra que, à época, “as cidades mineiras não tinham muitas opções de diversão e a vida corria, em geral, sem maiores agitações”.⁴ Na mesma direção, Rosana Xavier, em pesquisa recente sobre as companhias de circo que visitaram o Oeste mineiro na virada para o século passado, incorre no mesmo desejo modernizador ao afirmar que os moradores das cidades instaladas “no vasto interior do Brasil” e, mais especificamente, de Minas Gerais, conviviam com “a falta de entretenimento”.⁵ Esses dois exemplos são emblemáticos no sentido de explicitarem a necessidade de se superar esse recurso heurístico denotado pelo espectro civilizador das crônicas jornalísticas. Acredito ser necessário um maior aprofundamento na crítica às fontes, visando a compreender melhor quais lazeres impregnavam os desejos das elites que escreviam para os jornais, além dos motivos que levaram essas pessoas a negligenciarem o rol lúdico tradicional.

Assim, com a intenção mais geral de ampliar o arcabouço histórico por meio do qual usualmente se enquadra o estudo do lazer no interior de Minas Gerais, este artigo, por meio da análise do corpo discursivo do periódico *Gazeta de Minas*, descreve e interpreta a história das diversões em Oliveira, Minas Gerais, no final do século 19. Todavia, ao invés de enfatizar unilateralmente as inovações modernizadoras que estavam em curso naquele momento, tal como fazem outros estudos, a presente interpretação, em sentido ligeiramente

³ Para uma síntese a esse respeito, ver: DIAS, Cleber; COTES, Marcial. Esporte e lazer em Ilhéus na Primeira República (c. 1889-1930). Mimeo.

⁴ HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2018, p. 143.

⁵ XAVIER, Rosana Daniele. *Respeitável público*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019, p. 47.

diferente, é a de que Oliveira e seus lazeres se desenvolveram nesse período em meio a uma estrutura lúdica ambivalente, em que coexistiam práticas inovadoras, entendidas como sofisticadas e de bom gosto, e práticas tradicionais, entendidas como arcaicas e atrasadas, sendo as últimas negligenciadas por cronistas da imprensa por estarem à margem de um novo imaginário cidadão, comprometido com uma moderna escala de valores.

O jornal que subsidiou as principais informações obtidas pela pesquisa foi fundado em setembro de 1887, pelo português Antônio Fernal, inicialmente com o nome *Gazeta de Oliveira*. Em 1899, aproximadamente cinco anos depois de ter adquirido uma máquina tipográfica americana movida a vapor e com capacidade de imprimir três mil exemplares por hora, a antiga *Gazeta de Oliveira*, “órgão literário, comercial, agrícola e noticioso”, já com periodicidade semanal e circulando sempre aos domingos, mudou seu nome para *Gazeta de Minas*. A mudança expressava claramente as novas ambições que cercavam o periódico que, daí em diante, passou a se declarar como o “jornal de maior formato e circulação do estado de Minas Gerais”. Apesar de provavelmente exagerado, dado que desde antes já havia até jornais com circulação diária em Minas Gerais, expressava assim mesmo o novo horizonte de expectativas ao redor do periódico.

Tanto pelas suas características quanto pela sua abundância, essas fontes disponíveis no acervo digital do próprio editorial⁶ constituem ricos registros de diversos aspectos da vida econômica, política e cultural de Oliveira naquele período, incluindo iniciativas para a oferta de diversões na sede urbana e nos distritos rurais. Esse título, porém, não esgota todo o universo possível de fontes periódicas para o município no período. Vários outros jornais foram editados na sede da cidade ao longo dos anos finais do século XIX, tais como *A Democracia* (1894), *A Pérola* (1895) e *A Gazetinha* (1897),⁷ os quais não foram preservados ou simplesmente são de arquivos que não foram localizados (como acervos particulares).

“Terra onde não há o menor divertimento”

Ao longo dos meses de junho e julho de 1900, a Companhia Dramática Araújo Silva ofereceu, num palco improvisado de uma casa particular, uma temporada de espetáculos ao público da cidade de Oliveira, alguns dos quais

⁶ <<http://acervo.izap.com.br/>>.

⁷ Cf., respectivamente: *A Democracia*. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 jan. 1894, p. 1; *A Pérola*. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 fev. 1895, p. 3; *A Gazetinha*. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 ago. 1897, p. 1.

foram concorridíssimos, “a ponto de não ficar um único lugar vazio”.⁸ Segundo um cronista, que assinava com o pseudônimo de D. Fuas, a companhia chegava para cortar a “monotonia” em que habitualmente vivia a cidade. “Nem um divertimento, nem um passatempo, mesmo o mais simples e inocente gozamos há muito”, queixava-se D. Fuas.⁹

O espetáculo de despedida da Companhia Dramática Araújo Silva ocorreu na terceira semana de julho, ou seja, no momento da chegada do Circo Spinelli a Oliveira, dirigido pelo “estimável cavalheiro” Sr. Afonso Legran Spinelli, e constituído de 22 artistas, dentre os quais o palhaço Benjamim de Oliveira, que recebeu diversos elogios na imprensa por haver levado o público a uma “constante hilaridade”. O Circo Spinelli ofereceu nove espetáculos entre os dias 21 e 31 de julho, partindo no dia 1º de agosto para as localidades de Ribeirão Vermelho e Perdões.¹⁰ As atrações não pararam por aí: mal o Circo Spinelli se despedia, Oliveira recebia a visita do Sr. Gustavo Vschenek com a promessa de, por alguns dias, “deliciar” o público da cidade com um cinematógrafo.¹¹ “Estamos na maré das vacas gordas”, dizia outro cronista que assinava com o pseudônimo de Itagacheles. “Vivíamos a chorar por qualquer coisa que viesse quebrar a monotonia que nos matava mais do que os boxers estão matando europeus”, ironizou Itagacheles, fazendo referência aos espetáculos de teatro, circo e cinematógrafo que agitaram Oliveira nos meses de junho, julho e início de agosto de 1900.¹²

Não obstante, a “maré das vacas gordas” deu-se por encerrada no último dia de exibição do cinematógrafo, tão logo os empresários itinerantes deixaram Oliveira e a cidade voltou a sua “monotonia habitual”. Em razão disso, cronistas da imprensa que antes comemoravam a “fartura” de diversões passaram a lamentar a falta delas. Em meados de outubro de 1900, Itagacheles, novamente em tom irônico, queixou-se: “É tal a falta de diversões que há por aqui, que vivemos numa tristeza quase igual à de um candidato derrotado”.¹³ Cerca de dois meses após a queixa de Itagacheles, D. Fuas, em sentido ligeiramente parecido, discorreu uma série de críticas à “falta de diversões”

⁸ Companhia Dramática. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1900, p. 2; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jun. 1900, p. 3; Teatro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

⁹ *Semana a Semana*. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 jun. 1900, p. 2.

¹⁰ Circo Spinelli. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 2; Circo Spinelli. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jul. 1900, p. 2; Circo Spinelli. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 ago. 1900, p. 2.

¹¹ Cinematógrafo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

¹² Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

¹³ Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 out. 1900, p. 1.

em Oliveira, sugerindo como “pomada” para reverter um quadro de “cidade morta” a adoção de medidas voltadas para a introdução de espaços e práticas de entretenimento, cuja ausência, na visão de D. Fuas, provocavam uma “espécie de retraimento” da população oliveirense:

Depois de levantar um teatro, abrir um clube, transformar o largo da estação em um formoso passeio com o seu coreto, onde, uma banda de música vá todos os domingos de tarde executar trechos de óperas e peças em voga, abrir uma estrada pitoresca, ladeada de arvoredos até a fonte de águas férreas que existe ali para os lados da porteira, fazer ali uma rotunda com muito arvoredos e bancos para os passeios, proporcionar diversões, prometer surpresas, fazer um mercado onde tudo concorresse, e Oliveira transformar-se-ia em um momento de uma cidade morta que é em uma das principais cidades de Minas.¹⁴

Essa imagem de uma cidade morta, monótona ou sem diversões, recorrentemente veiculada na imprensa, expressava na verdade a frustração dos grupos letrados com a falta de modalidades lúdicas bem específicas. Ou seja, não se tratava de uma completa falta de diversões, mas, sim, da falta de espaços públicos ou de estabelecimentos de comércio que oferecessem, de maneira permanente e diversificada, diversões alinhadas com os “modernos” padrões europeus.

O cronista D. Fuas, que na nota acima idealizava um teatro, um clube, um passeio com bancos e arvoredos, um coreto e bandas de música se apresentando semanalmente, era um dos principais nomes da imprensa na propagação desse *modus vivendi* europeizado. Reitor do Liceu Municipal, professor do Colégio Nossa Senhora da Oliveira, proprietário do Colégio Oliveirense e redator-secretário do jornal *Gazeta de Minas*, Antonio Adelino Pinto Machado, criador do cognomino D. Fuas, era um imigrante português da região do Douro. Formado pela Universidade de Coimbra, Pinto Machado já havia atuado em Portugal como educador e jornalista, tendo ministrado aulas nos ensinos primário e secundário, e dirigido o jornal republicano *Norte da Beira*.

Conforme informações de um cronista anônimo, Pinto Machado foi, no seu país de origem, “vítima de suas convicções e de sua imensa fé republicana”, sendo denunciado pela polícia secreta da monarquia portuguesa pelo crime de “perturbador do bem público”, fato que o levou a se “expatriar” em 1892.¹⁵

¹⁴ Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1900, p. 2.

¹⁵ Dr. Pinto Machado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 jun. 1896, p. 1.

Não foram encontrados registros históricos sobre quando ou onde aportou no Brasil esse educador e jornalista português. Sabe-se, no entanto, que sua chegada à cidade de Oliveira ocorreu por volta do ano de 1894, constituindo, a partir de então, uma sólida carreira nas áreas do ensino e do jornalismo.

É possível especular que a ambiência urbana encontrada por Pinto Machado em Oliveira era bem menos efervescente do que aquela encontrada por ele na Europa ou em outros pontos do Brasil. O mesmo que dizia ter, por exemplo, frequentado “as principais casas de teatro do Rio, de São Paulo, de Lisboa, do Porto, de Madri, de Barcelona e de Paris”, ou ainda assistido a touradas “na Praça Real de Madri, na Grande Praça de Sevilha, na Praça de Sant’Ana de Lisboa, no Coliseu do Porto e na Praça do Mangue no Rio de Janeiro”¹⁶ achava-se agora inserido numa realidade de densidade demográfica rarefeita e quase inteiramente rural.

Seis anos antes de sua chegada, período do qual dispomos de informações mais gerais sobre a cidade, Oliveira contava com vinte e duas ruas, três praças, três igrejas, um cemitério público, uma casa de Câmara e Cadeia, mil casas e uma população de, aproximadamente, quatro mil moradores divididos entre um espaço citadino desprovido de uma série de melhoramentos, a exemplo de serviços de calçamento, arborização, abastecimento domiciliar de água ou iluminação pública, e as áreas rurais.¹⁷ Para dimensionar, o Rio de Janeiro, capital política e maior centro urbano do país, contava, à época, com uma população superior a 400 mil pessoas, isto é, mais de cem vezes maior que a de Oliveira.¹⁸

Não foram encontradas fontes documentais com dados sobre a divisão dos moradores que residiam na sede da cidade e nas áreas rurais nos anos finais do século XIX. Contudo, registros de imprensa revelam que vários povoados rurais compunham o território, não apenas da cidade, mas de todo o município naquele momento. A organização política de Oliveira possuía, em sua composição, além da cidade homônima, que era sede administrativa do município, outros cinco pequenos distritos. Em 1888, a população desses distritos era distribuída da seguinte forma: Passa Tempo, 2.876 moradores; Japão, 3.295 moradores; Cláudio, 4.111 moradores; São Francisco de Paula, 5.449 moradores; e Santo Antônio do Amparo, 6.266 moradores.¹⁹ É preciso

¹⁶ *Semana a Semana. Gazeta de Minas, Oliveira*, 2 ago. 1903, p. 1; *Semana a Semana. Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 27 mar. 1898, p. 2.

¹⁷ *Notas sobre o município da Oliveira. Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 15 jan. 1888, p. 1.

¹⁸ *Notas Estatísticas. Jornal do Agricultor, Rio de Janeiro*, jul.- dez. 1888, p. 195.

¹⁹ *Notas sobre o município de Oliveira. Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 15 jan. 1888, p. 1.

destacar que os dois distritos mais populosos, São Francisco de Paula e Santo Antônio do Amparo, possuíam, na verdade, uma população inferior aos números oferecidos acima. Duas pequenas freguesias, Santana do Jacaré e Carmo da Mata, pertenciam, respectivamente, aos dois distritos citados, tendo então, suas populações incluídas.²⁰ Em 1890, essas duas freguesias contavam, na devida ordem, com uma população de 1.616 e 2.250 moradores.²¹

Na jurisdição de cada uma dessas nucleações havia diversos povoados rurais. Entre os anos de 1890 e 1900, a imprensa de Oliveira veiculou notícias de, pelo menos, 44 povoações que tiveram contribuintes de impostos ou que receberam cadeiras de instrução primária, tapumes ou consertos de pontes. Apenas em 1920 é possível encontrar descrições mais detalhadas da situação geopolítica do município. De acordo com dados oficiais, a cidade, os cinco distritos e as duas freguesias congregavam 78 povoados rurais, o que numa média daria quase dez povoados para cada nucleação.²² Embora não existam registros históricos com o número exato de povoações existentes naquele final de século dezenove, era nessas áreas rurais que estava concentrada a dinâmica demográfica e de empregabilidade do município, por efeito do setor produtivo de Oliveira ser estruturado a partir de uma economia rural, ancorada na exportação de gado para o Rio de Janeiro, além de toucinho, queijos, doces, açúcar e tecidos para municípios vizinhos, e de uma pequena produção para o abastecimento local que incluía, entre outros gêneros, aguardente, fumo, licores, vinagre, azeite de mamona, café, arroz, milho, feijão, mandioca e batata.²³

No espaço citadino do conjunto de nucleações municipais, um pequeno comércio urbano servia como uma espécie de “entrepoto” para o atendimento das demandas provenientes dos moradores e das atividades laborais dos povoados, distantes no máximo 24 quilômetros das suas respectivas sedes,²⁴ o que bem se corrobora com diferentes passagens de viajantes que visitaram localidades de menor porte do interior de Minas Gerais ao longo de todo século XIX.

²⁰ Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 abr. 1888, p. 1.

²¹ MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 40.

²² Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 612, 619, 636, 637.

²³ Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 dez. 1887, p. 1; Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 fev. 1888, p. 1; Notas sobre o município de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 mar. 1888, p. 1.

²⁴ Cf.: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 612, 619, 636, 637.

Tal como foi observado pelo historiador Alexandre Cunha, a vida urbana efetivamente só ocorria quando as populações rurais se dirigiam para as sedes das cidades, o que era feito com maior intensidade nos finais de semana, por ocasião das atividades religiosas. “Ao longo da semana esses espaços eram, via de regra, extremamente vazios”.²⁵ Em 1899, um cronista explicitou para Oliveira essa característica “domingueira”, dizendo que ora a parte urbana da cidade apresentava “o comércio parado, as ruas abandonadas e os largos às moscas”, ora se assemelhava “a uma grande e populosa cidade”.²⁶

Nessa direção, 13 casas para a venda de comida, bebida e gêneros do país, quatro farmácias, três pensões, uma padaria e um colégio particular funcionavam regularmente em Oliveira, ainda que parte importante das relações econômicas parecesse girar ao redor da subsistência.²⁷ Conhecida como “cidade de verduras”, dizia-se que rara era a casa em Oliveira que não tinha a própria horta.²⁸ Além das hortaliças, a criação de animais também integrava essa economia de autossuficiência: frequentemente, a imprensa de Oliveira noticiava a presença de porcos, cabritos, galinhas, perus e gados no perímetro urbano da cidade, sempre condenando tais episódios como exemplos de falta de civilidade.²⁹

Depois de 1888, quando foi inaugurado um ramal ferroviário da Estrada de Ferro Oeste de Minas, Oliveira experimentou um pequeno crescimento dos serviços urbanos. A nova ferrovia chegava com a promessa de transformar a acanhada cidade em um importante “centro de negócios”. Na imprensa, cronistas – prevendo o surgimento de indústrias e a expansão da lavoura – diziam que o ramal ferroviário era uma espécie de “varinha mágica” que proporcionaria a construção de um “canal” por onde se “difundiriam riquezas”.³⁰ Essa “ideologia do progresso” que, no período, apontava para a inauguração

²⁵ CUNHA, Alexandre Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo. Horizonte, v.11, n. 16, p. 57-70, jan./jun. 2009, p. 11.

²⁶ Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 mar. 1899, p. 2.

²⁷ Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1887, p. 1; Colégio N. S. da Piedade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 dez. 1887, p. 4; Anúncios. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 out. 1888, p. 1; Confeitaria. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 abr. 1887, p. 4.

²⁸ Notas sobre o município da Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 fev. 1888, p. 1.

²⁹ A ilustríssima Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, 10 nov. 1889, p. 3; Salubridade pública. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 25 dez. 1898, p. 1; Contra a higiene. *Gazeta de Minas*, 20 ago. 1899, p. 1; Invasão de cabritos. *Gazeta de Minas*, 28 out. 1900, p. 1; Animais soltos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 jul. 1916, p. 1; Exposição. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917, p. 1.

³⁰ E. F. O. de Minas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 jun. 1888, p. 2.

de estradas de ferro como agentes inequívocos de desenvolvimento,³¹ parece ter aflorado as expectativas dos capitalistas locais.

Na primeira década que se seguiu à inauguração da ferrovia, diversos novos estabelecimentos de comércio e de ensino foram inaugurados, dentre os quais, destacam-se: o Hotel do Cruzeiro (1888); o Grande Hotel (1889); o Colégio São Luiz (1889); o Sanatório Oliveirense (1890); o Estabelecimento Hidroterápico (1890); o Colégio da Imaculada Conceição (1891); a Fábrica de Cervejas D'Oeste (1893); a Destilação Central de Oliveira (1893); a Fábrica de Manufatura de Móveis (1894); o Colégio Nossa Senhora de Oliveira (1896); o Atelier de Fotografia Artística (1897); e a Empresa Artística de Pintura e Douradura (1898).³²

Por outro lado, a inauguração do ramal ferroviário ocorreu quase que simultaneamente à supressão da escravidão. Com 1/4 da população municipal composta de escravos em 1888,³³ em princípios da década de 1890, cronistas da imprensa já falavam de “um desânimo cruel entre os lavradores”, que se queixavam da “falta de braços” para os trabalhos no campo.³⁴ As dificuldades iniciais de adaptação ao sistema de trabalho livre parecem ter desarticulado o setor agrícola de todas as nucleações municipais; e a cidade, antes autossuficiente, passou a importar gêneros básicos de alimentação. Em 1896, artigos de jornais lamentavam o “estado decadente da lavoura”.³⁵

O ramo da economia que provavelmente mais se beneficiou com a inauguração do ramal ferroviário foi a exportação de gado. A Estrada de Ferro Oeste de Minas, por meio da conexão com a Estrada de Ferro Central do Brasil (chamada, antes da república, Estrada de Ferro D. Pedro II), que partia do Rio de Janeiro, proporcionava uma ligação com o maior e principal mercado

³¹ Ver: BATISTA, Felipe Alvarenga; BARBOSA, Lidiany Silva; GODOY, Marcelo Magalhães. Transportes, modernização e formação regional – subsídios à história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, p. 162-203, 2012.

³² Cf., respectivamente: Hotel do Cruzeiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 set. 1888, p. 4; Grande Hotel. *Gazeta de Oliveira*, 6 jan. 1889, p. 2; Colégio São Luiz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1889, p. 4; Sanatório Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 out. 1890, p. 1; Estabelecimento Hidroterápico. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 mar. 1890, p. 4; Colégio de meninas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1891, p. 1; Fábrica D'Oeste. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 abr. 1893, p. 4; Fábrica de destilação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 out. 1893, p. 1; Manufatura Nacional de Móveis. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 ago. 1894, p. 3; Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 mar. 1896, p. 1; Fotografia Artística. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 fev. 1897, p. 3; Empresa Artística. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 4.

³³ Conforme registros demográficos de 1888, o município de Oliveira contava com 26.213 livres, e 6.883 escravos. Cf.: População. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

³⁴ Onde iremos parar? *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 fev. 1891; A bem da lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jul. 1894, p. 1; Pela lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 nov. 1896, p. 2.

³⁵ Pobre lavoura. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 nov. 1896, p. 2.

consumidor do país no período. A motivação para a construção dessa estrada relacionava-se, em grande medida, com possibilidades ou pretensões de incrementar, justamente, o transporte de produtos agropecuários para o abastecimento dos maiores centros consumidores do Brasil.³⁶

A primeira boiada partiu da estação de Oliveira no dia 6 de fevereiro de 1889.³⁷ A partir de então, a imprensa local passou a noticiar o movimento de embarque de boiadas na estação de Oliveira, sugerindo que o transporte por trem passasse a ocupar um lugar relativamente importante nesse mercado. Embora as fontes cotejadas não ofereçam detalhes da quantidade de gado exportado no período anterior à inauguração da ferrovia, registros jornalísticos falam de um crescimento do setor pastoril após a ligação com a capital fluminense.³⁸ Nesse cenário, um volume médio de, aproximadamente, 30 mil cabeças de gado (anuais) fora contabilizado entre 1892 e 1897.³⁹

Mesmo a criação de gado, porém, sofreu um revés nos últimos anos do século XIX, principalmente pela diminuição do consumo de carne no Rio de Janeiro, cujo volume recebido declinou em aproximadamente 32% entre 1897 e 1900.⁴⁰ Cronistas da imprensa falavam de uma “desvalorização do gado”, atividade que, naquele momento, conforme diziam, constituía “a vida do município”.⁴¹

Diante do quadro de instabilidade econômica, marcado por crise no setor agrícola e diminuição da exportação de gado, somado à baixa densidade demográfica e o predomínio de uma estrutura rural voltada para uma economia de subsistência, uma onda de falências afetou vários dos novos empreendimentos urbanos da cidade. O Hotel do Cruzeiro, o Colégio Imaculada Conceição, a Fábrica de Cervejas D’Oeste, a Destilação Central de Oliveira, o Sanatório Oliveirense, o Estabelecimento Hidroterápico, o Atelier de Fotografia Artística e a Empresa Artística de Pintura já não mais funcionavam na virada para o novo século. Em janeiro de 1899, um cronista, lamentando o estado de crise das áreas rurais, chegou a dizer que os consumidores se remediavam como podiam, fugindo das casas de comércio como o “diabo da cruz”: “O que

³⁶ LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *Ferrovia, sociedade e cultura, 1850-1930*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

³⁷ *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1889, p. 2. Nota sem título.

³⁸ GADO. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jul. 1892, p. 1.

³⁹ Carne Verde. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 8 maio 1892, p. 1; Questão do Gado. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 24 abr. 1898, p. 1.

⁴⁰ Carnes Verdes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jan. 1901, p. 1.

⁴¹ Orçamento Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.

falta não é o artigo, mas o freguês, porque não há dinheiro, pois não há em que se faça”.⁴²

Todas essas conjunções acabaram por determinar, em grande medida, o insucesso e a baixa diversificação dos estabelecimentos de entretenimento que seriam introduzidos nos primeiros anos que seguiram a conexão ferroviária. Apenas algumas poucas iniciativas foram noticiadas na imprensa, ficando restritas à quase exclusiva oferta de salões de café e bilhar que, naquela conjuntura, integrando-se aos anseios de refinamento dos comportamentos citadinos, passavam a ser associados em anúncios de jornais com a “moda” e a “Rua do Ouvidor”, do Rio de Janeiro, famosa pela oferta de bens de consumo de luxo.⁴³ Em 1893, um cronista anônimo, sinalizando para a limitação da oferta de entretenimento urbano, queixou-se da impossibilidade de encontrar na sede da cidade algo que pudesse lhe proporcionar alguma distração, com exceção, é claro, dos bilhares. “O bilhar, sempre o bilhar, de modo que todas as nossas distrações resumem-se no bilhar”.⁴⁴

Entre 1889 e 1898 foram inauguradas cinco casas de bilhar em Oliveira: o bilhar do Grande Hotel (1889); o bilhar dos senhores Andrade Junior e Afonso Bicalho (1890); o bilhar do Sr. Lindolfo Pinheiro Chagas (1892); o Bilhar do Hotel da Estação, antigo Hotel do Cruzeiro (1898); e o bilhar do Sr. Antenor Pio de Moraes (1898).⁴⁵ Dessas casas, porém, apenas o bilhar do Sr. Antenor Pio de Moraes conseguiu prolongar sua existência até o penúltimo ano do século XIX.

Uma das poucas iniciativas que buscaram concorrer para uma diversificação da oferta comercial de entretenimento foi a inauguração do *Jockey Club* Oliveirense, em meados de maio de 1898. A organização do clube foi empreendida pelo capitalista carioca Sr. José Barbosa de Miranda, que havia se estabelecido em Oliveira no início da década de 1890 para gerir a Destilação Central de Oliveira.⁴⁶ “Mirandão”, como era chamado na imprensa, após se estabelecer definitivamente em Oliveira, passou a atuar também no ramo pecuarista, além de ter inaugurado algumas das novas casas de comércio urbano, a exemplo do Armazém Miranda & Miranda (1894) e da Panificadora

⁴² Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jan. 1899, p. 2.

⁴³ Sobre a Rua do Ouvidor e seu comércio de luxo, ver: NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1993.

⁴⁴ Crônica. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 jun. 1893, p. 1.

⁴⁵ Cf., respectivamente: Bilhar e Café. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 jan. 1889, p. 1; Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 maio 1890, p. 2; Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 nov. 1892, p. 3; Bilhar. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 ago. 1898, p. 1; Hotel Santos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 abr. 1898, p. 1.

⁴⁶ COELHO, José Demétrio. *Recordações de Oliveira*. Divinópolis: Gráfica Planeta, 1950, p. 25.

Miranda & Miranda (1895), o que denota seu interesse em diferentes setores comerciais.⁴⁷

A corrida inaugural do *Jockey Club* Oliveirense contou no seu programa de estreia com uma disputa de três páreos. Segundo os jornais da cidade, teria havido “um enorme concurso de povo ávido de ver e admirar um divertimento novo”.⁴⁸ As corridas aconteceram na maior praça da cidade (Praça da Estação, também chamada de Largo do Cruzeiro), e a venda de bilhetes de apostas parece ter sido o principal interesse comercial do organizador, uma vez que não havia na cidade um hipódromo cercado que limitasse o acesso ao evento apenas a pessoas que tivessem comprado ingressos. Em várias partes do Brasil, onde as corridas de cavalo se desenvolveram no final do século XIX, a venda de bilhetes de apostas foi uma importante característica da modalidade.⁴⁹

Após o evento inaugural, três novas corridas foram organizadas no final daquele mesmo mês de maio, e o número de páreos aumentou de três para quatro, o que também ampliava as oportunidades de apostas e das respectivas vendas de bilhetes.⁵⁰ Cronistas diziam que o clube de corridas estava “na ponta, na culminância”. Conforme relatou um deles, “a coisa deu no gosto do povinho e é o que se vê todo domingo”.⁵¹ No entanto, na medida em que o divertimento deixava de ser uma novidade, o número de páreos de cada corrida foi diminuindo, chegando a apenas dois nas corridas realizadas em junho daquele ano, que acabaram sendo as últimas.⁵² Acompanhando o mesmo destino de várias outras iniciativas comerciais, o *Jockey Club* Oliveirense, com menos de dois meses de funcionamento, findou suas atividades.

Essa carência de estabelecimentos para o comércio de diversões – ou, pelo menos, de determinadas formas de diversão – buscava ser contornada com a organização de clubes literários, recreativos, teatrais ou dançantes. Tais clubes, geralmente idealizados por grupos abastados locais, tentavam promover uma sofisticação dos hábitos urbanos. No final de junho de 1889, foi organizado o *Club* Oliveirense, que pretendia “levantar um salão” para

⁴⁷ Cf.: Armazém de Mantimentos e Molhados. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 out. 1894, p. 4; Miranda. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 maio 1895, p. 3.

⁴⁸ Corridas de cavalo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 1.

⁴⁹ Cf.: Victor de Andrade Melo, *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000; Wilson Gambeta, *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015; SOUZA, Eliza Salgado. *Esportes em Manaus, 1880- 1910*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

⁵⁰ Jockey Club Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 maio 1898, p. 1.

⁵¹ Casos e Cousas. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.

⁵² Jockey Club. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.

que seus sócios pudessem se dedicar “a leitura, a jogos distrativos, a música e a dança”.⁵³

Ainda no final de junho de 1889, “um grupo de moças das principais famílias” fundou o Grêmio das Moças, que prometia oferecer semanalmente “partidas dançantes”.⁵⁴ Em 1893, “um grupo de distintos cavalheiros” fundou o *Club Recreativo Oliveirense*, com o intuito de adquirir uma sala própria e nela oferecer “distrações úteis” para os sócios.⁵⁵ Em 1894, outras duas iniciativas foram incutidas: o *Club Literário Democrata* e o Grêmio Dramático. O último, conforme anunciou um cronista anônimo, visava proporcionar saraus dramáticos à sociedade oliveirense, “tão vazia de distrações”.⁵⁶

Não obstante, os clubes sociais que foram noticiados na imprensa da época tiveram vida curta, e a maior parte nem mesmo chegou a funcionar. Em junho de 1898, por ocasião da ideia de fundação do *Club Literário Oliveirense*, o imigrante português Pinto Machado, que era o grande entusiasta da imprensa em noticiar e incentivar a fundação de clubes sociais, alegando que eram indispensáveis para o “progresso” e o “adiantamento” de uma cidade, ironizou a nova iniciativa, dizendo que era “mais fácil um boi voar” do que existir ali um clube recreativo.⁵⁷

As circunstâncias que cercavam Pinto Machado ajudam a explicar sua descrença na possibilidade de existirem, no cotidiano da cidade, clubes sociais que promovessem “distrações úteis”. Com a crise do setor rural, cujo desdramamento impactou negativamente o comércio urbano da cidade, gerando uma onda de falências, registros de imprensa passaram a falar em uma “diminuição da população” na sede citadina de Oliveira, onde, segundo denúncias, “rareavam habitações”.⁵⁸ Nesses termos, a pequena movimentação de pessoas na sede da cidade parece ter dificultado a manutenção de iniciativas interessadas na introdução de novos hábitos urbanos. Mesmo nos finais de semana, quando um maior contingente de pessoas advindas dos povoados rurais circulava pela cidade, essa circulação parecia se limitar ao horário das missas. Após as obrigações religiosas (com exceção dos dias de festas de santos

⁵³ Club Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1889, p. 1.

⁵⁴ Grêmio das Moças. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1889, p. 2.

⁵⁵ Club Recreativo Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 3 dez. 1893, p. 2.

⁵⁶ C. L. D. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 jun. 1894, p. 3; Grêmio Dramático. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 dez. 1894, p. 2.

⁵⁷ Semana a Semana. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 19 jun. 1898, p. 2.

⁵⁸ Oliveira com as suas ruas e largos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 jun. 1895, p. 1.

católicos), a cidade ficava “mais deserta que os carros da Oeste”,⁵⁹ conforme noticiou um cronista.

Por conseguinte, esse quadro de vida contrasta profundamente com as experiências e expectativas imaginárias trazidas por Pinto Machado da Europa ou de outros centros brasileiros. No Rio de Janeiro, cidade onde o imigrante português afirma ter frequentado casas de teatro e assistido a touradas, uma atmosfera urbana capitalizava de forma privilegiada “os modelos inspiradores das novas guinadas culturais” evocadas pelo universo europeu.⁶⁰ Livrarias, bibliotecas, museus, cafés, teatros, hipódromos, boliches, pistas para patinação, passeios públicos e jardim zoológico eram algumas das atividades lúdicas que ofereciam, no centro fluminense, um intenso movimento social de exploração comercial de diversões ou de espetáculos públicos.⁶¹ Um cenário bem diferente de Oliveira, que convivía naquele final de século dezenove com uma ambiência urbana tímida e desprovida de inovações no campo do entretenimento.

Não surpreende portanto que, nas colunas publicadas por Pinto Machado, recorrentemente queixando-se de um suposto quadro de “monotonia insuportável” da sede urbana de Oliveira, seus argumentos fossem sempre justificados pela inexistência de um teatro, uma biblioteca, um café, um passeio público, uma praça ajardinada ou um clube recreativo.⁶² Imbuído de um imaginário simbólico marcado por algum tipo de agitação urbana aos moldes europeus, o imigrante português que classificava a pequena e rural Oliveira como, dentre as cidades que conhecia, a que “menos diversões” ofertava aos seus habitantes,⁶³ tendia a negligenciar as práticas de lazer mais tradicionais, isto é, aquelas que já faziam parte do cotidiano dos moradores citadinos e rurais residentes no conjunto de nucleações municipais.

Oliveira e seus distritos ofereciam, por certo, diferentes formas de festas, reuniões, jogos ou comemorações. Um rico calendário festivo distribuído e frequentado por moradores de todo o município, o qual congregava, às

⁵⁹ Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 out. 1900, p. 1.

⁶⁰ SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na república. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz, *História do Brasil nação: a abertura para o mundo, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Vol. 3, p. 239-294.

⁶¹ Sobre o mercado de entretenimento do Rio de Janeiro, ver: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; MARTINS, William de Souza Nunes. *Paschoal Segreto: “ministro das diversões” do Rio de Janeiro (1883-1920)*. Rio de Janeiro: Autografia, 2014.

⁶² *Semana a Semana*. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1899, p. 2; *Semana a Semana*. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1900, p. 2; *Semana a Semana*. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 abr. 1901, p. 1; *Semana a Semana*. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jul. 1904, p. 1.

⁶³ *Semana a semana*. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1899, p. 2.

vezes sem distinção clara, festas cívicas e religiosas, da elite e populares, públicas e privadas, proporcionava um horizonte buliçoso de momentos de fruição do lazer.⁶⁴ Divertia-se com o repertório lúdico já tradicional da cidade ou dos distritos e freguesias confinantes por não haver, tal como registrou o cognominado D. Fuas, “outras formas de diversão”,⁶⁵ quer dizer, em outras palavras, inovações no ramo do entretenimento que possibilitassem a fruição regular de “divertimentos à moda das finas sociedades”.⁶⁶

Comemorações de dias santos promovidas pela Igreja Católica, por exemplo, ofereciam boas oportunidades de distração para os moradores do município. Festas religiosas tanto do catolicismo romano quanto do catolicismo popular – não podemos nos esquecer – foram, até o século XIX, acontecimentos culminantes da vida social das cidades brasileiras. No município de Oliveira, durante praticamente todos os meses do ano, eram organizados festejos religiosos compartilhados, na maioria das vezes, por todos os distritos e freguesias, cabendo naturalmente algumas especificidades de comemorações envolvendo os santos padroeiros de cada lugar. O Mês de Maria, a Semana Santa e as festas em homenagem a Santa Cecília, São José, São Sebastião, São João Batista, Sagrado Coração de Jesus, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora de Oliveira, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor dos Passos constituíam os principais eventos religiosos noticiados na imprensa local. Permeados de “pompa” e “brilhantismo”, os festejos católicos costumavam combinar as práticas sagradas com as profanas que, de modo geral, tinham início dentro dos templos religiosos e se estendiam com músicas mundanas, leilões, desfiles, danças, fogos de artifício, comidas e bebidas para as ruas centrais ou praças públicas.

Essa combinação de diferentes modalidades festivas era característica basilar das comemorações religiosas espalhadas pelo conjunto de nucleações municipais. Podemos citar que, em janeiro de 1888, nos festejos do “glorioso mártir São Sebastião” que tiveram lugar na cidade de Oliveira, além de uma procissão com a imagem do referido santo e missas rezadas na Igreja do Rosário e na recém-construída capela de São Sebastião, um leilão com um espetáculo musical e queima de fogos de artifício foi “alegremente concorrido”

⁶⁴ Para alguns exemplos de diversões tradicionais em pequenas nucleações mineiras no século XIX, ver: PERES, Léa Freitas (Coor.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX*: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

⁶⁵ Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 jul. 1904, p. 1.

⁶⁶ Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 jan. 1906, p. 1.

na Praça do Rosário.⁶⁷ Já em setembro de 1894, no distrito de São Francisco de Paula, as festividades do Divino Espírito Santo contaram, entre outras coisas, com apresentação de duas bandas de música e espetáculo de pirotecnia no Largo da Matriz.⁶⁸ Em outro registro, datado de fevereiro de 1897, fogos de artifício e a apresentação de uma orquestra no Largo da Matriz abriram os festejos do Sagrado Coração de Jesus na freguesia de Carmo da Mata, cujas principais atrações de fé foram uma procissão seguida de uma missa cantada na Igreja da Matriz.⁶⁹

Toda essa arrumação plural e suntuosa dos festejos religiosos coadjuvava, sem dúvida, para que as sedes citadinas das nucleações promotoras fossem, nos dias santos, tomadas de gente e de agitação. Cronistas da imprensa, não poucas vezes, ressaltaram o “enorme concurso de povo” que chegava não apenas de diferentes pontos do município, como também de cidades e distritos próximos para tomarem parte dos eventos católicos. A esse propósito, são exemplares os festejos de São Sebastião promovidos na freguesia de Carmo da Mata no final de julho de 1896. Concorrido por “fiéis” daquela localidade, além de visitantes das cidades de Oliveira e Itapeçerica, estimativas da imprensa dão conta de que “aproximadamente quatro mil pessoas” estavam concentradas no Largo e na Igreja da Matriz, número que, notavelmente, superava em mais de duas vezes a população total da singela freguesia.⁷⁰

A intensa vida festiva dos lugarejos nos dias de homenagem aos santos católicos tendia a ser complementada com boas reuniões de famílias em salões, casas ou fazendas de particulares. Via de regra, eram bailes, saraus ou jantares de cunho íntimo, frequentados por grupos abastados, onde as músicas e as danças se prolongavam até a madrugada. Foi o que aconteceu no distrito de Santo Antônio do Amparo, em agosto de 1890. Após os festejos de São Sebastião, concorridos por grande massa de povo do lugar, de Perdões, de Sant’Ana do Jacaré e de Oliveira, um baile na residência da professora Exma. Sra. Florentina, destinado a um seletto grupo de convidados, foi, pelo desenrolar da noite, “agradavelmente” dançado ao som de piano e de orquestra.⁷¹ No mesmo sentido, também após os festejos de São Sebastião, só que em agosto de 1893, no distrito de São Francisco de Paula, “muitos bailes” dados em diversas casas ofereceram, no linguajar da época, “diversões em penca” para

⁶⁷ Festa de S. Sebastião. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 jan. 1888, p. 1.

⁶⁸ S. Francisco de Paula. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 set. 1893, p. 2.

⁶⁹ Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 7 fev. 1897, p. 3.

⁷⁰ Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 ago. 1896, p. 2.

⁷¹ Santo Antônio do Amparo. *Gazeta de Oliveira*, 3 ago. 1890, p. 2.

convidados do distrito, das cidades de Oliveira, de Campo Belo e de “outros lugares vizinhos”.⁷²

Bailes, *sorries* e outras formas de divertimentos domésticos não ocorriam apenas por culminância dos festejos religiosos. Nos mais diversos concursos de famílias abastadas, entre os quais, casamentos, formaturas, aniversários, batizados, reestabelecimento de alguma enfermidade, retorno de viagens, mudança de domicílio, nomeação de cargo público, funções promovidas por clubes recreativos, ou ainda manifestações de hospitalidade para o recebimento de visitantes ilustres, quase invariavelmente, as danças regadas de muita música, comidas e bebidas ditavam o ritmo para os convidados. Por todo o município de Oliveira, seja nas sedes urbanas das nucleações ou nas povoações rurais, é possível encontrar com certa perenidade registros dessa natureza, e não era raro que moradores dos lugares adjacentes integrassem as lautas noites de júbilo.⁷³ Num desses bailes, datado de outubro de 1898, as festividades tiveram vez para o recebimento do “ilustre” médico Dr. Virgílio de Castro, que mudava sua residência da capital carioca para a sede de Oliveira:

A sociedade oliveirense quis receber com festas um dos seus ilustres membros, isto é, um oliveirense que, não obstante achar-se muito tempo fora da sua terra natal, jamais deixou de fazer parte da sociedade de Oliveira.

E assim, promoveu um baile para festejar a mudança da residência do ilustre médico Virgílio de Castro, do Rio de Janeiro para esta cidade.

Realizou-se o baile com enorme concurso de gentis damas e distintos cavalheiros no palacete do comendador Faria Lobato, gentilmente cedido por aquele fidalgo cavalheiro e ilustre consorte para tão simpática quão significativa festa.⁷⁴

Comemorações de datas especiais ou de “fatos importantes” eram outras formas de proporcionar entretenimento no município, o que, não raras vezes, culminavam com bailes. Na sede municipal e nos demais distritos e

⁷² S. Francisco de Paula. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 27 ago. 1893, p. 1.

⁷³ Cf., por exemplo: Grêmio das Moças. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 30 jun. 1889, p. 2; Uma excursão ao Claudio. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 2 fev. 1890, p. 2; Aniversário. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 10 ago. 1890, p. 1; Batizado. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 3 abr. 1892, p. 3; Manifestação. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 9 abr. 1893, p. 2; Baile. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 20 maio 1894, p. 3; Aniversário. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 13 out. 1895, p. 2; Japão. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 26 jan. 1896, p. 2; Sarau. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 10 jan. 1897, p. 3; Passa Tempo. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 29 ago. 1897, p. 2; Club Recreativo Familiar de Carmo da Mata. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 13 fev. 1898, p. 1; Casamento. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 20 mar. 1898, p. 1; Baile. *Gazeta de Minas, Oliveira*, 31 dez. 1899, p. 1; Baile. *Gazeta de Minas, Oliveira*, 24 abr. 1900, p. 2.

⁷⁴ Baile. *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 2 out. 1898, p. 1.

freguesias, festas promovidas pelo poder público, sejam para solenizar uma data histórica ou um acontecimento político, agitavam as sociabilidades públicas e privadas dos moradores das sedes citadinas, das povoações e, nos casos dos festejos de maior pompa, dos distritos e freguesias circunvizinhas. Uma pequena parte do orçamento municipal era inclusive destinada aos gastos com “festejos nacionais”, aparentemente utilizados para a compra de fogos de artifício, comidas, bebidas e pagamento de bandas de música.⁷⁵

Em maio de 1897, por exemplo, no dia 13, que marca a supressão da escravidão no Brasil, a Banda de Música Oliveirense percorreu “alegremente” as ruas centrais da cidade de Oliveira, “tocando belas marchas e boas peças do seu vasto repertório”. Os festejos ainda contaram com “diferentes bailes” em casas de particulares, reinando em todos, conforme descrição de um cronista anônimo, “muito entusiasmo”.⁷⁶ Em maio do ano seguinte, um “grande concurso de povo” da cidade e do vizinho distrito de São João Batista acompanhou os festejos da exposição do quadro do Deputado Estadual eleito pelo município de Oliveira, o Dr. Francisco José Coelho de Moura, no prédio do Paço Municipal. Ali, segundo registros de imprensa, foram servidos aos presentes, ao som das bandas de música da cidade de Oliveira, do distrito de Japão, do distrito de São Francisco de Paula e do distrito de São João Batista “cervejas, vinho, licores, cafés, etc.”. Para desfecho da festa, a “mocidade elegante de Oliveira” promoveu um baile íntimo, frequentado por pessoas da “melhor sociedade”.⁷⁷ Já no dia 3 de maio de 1900, data em que se comemoraria o quadricentenário da descoberta do Brasil, um robusto programa de festas intermediado por vereadores foi composto por uma “alvorada” com salva de 21 tiros de dinamite, uma “missa campal” na Praça do Cruzeiro, uma “sessão solene” no Paço Municipal, além de uma “passeata cívica” pelas ruas centrais da sede de Oliveira, com a participação da Banda de Música Oliveirense.⁷⁸

Outra forma de atuação do setor político na promoção de festividades era a inauguração de obras públicas nas sedes citadinas ou nas povoações rurais. A realização de melhoramentos capazes de afetar a vida do município configurava-se como um momento de grande importância para toda a comunidade, merecendo, então, algum tipo de comemoração. Autoridades políticas, funcionários da Câmara, profissionais contratados para conduzirem as obras

⁷⁵ Para detalhes dos gastos públicos com festejos nacionais, ver: Câmara Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 nov. 1900, p. 3.

⁷⁶ Festa. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 16 maio 1897, p. 1.

⁷⁷ A manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 29 maio 1898, p. 1.

⁷⁸ 4^a Centenário do Brasil. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 abr. 1900, p. 1.

e jornalistas quase sempre acompanhavam, junto à população, a entrega das construções, reformas ou aquisição de serviços públicos e, como não poderia deixar de ser, muitas das festividades em torno dos novos melhoramentos eram acompanhados de bailes.

A instalação de lâmpioes para iluminação pública (1894), o encanamento de água potável (1895), a reforma da cadeia (1898) e a inauguração da Santa Casa de Misericórdia (1899) na cidade de Oliveira; o encanamento de água potável nos distritos e freguesias de Santana do Jacaré (1898), Japão (1899), Carmo da Mata (1900), São Francisco de Paula (1900) e Claudio (1900), ou ainda a inauguração da ponte sobre o Rio Jacaré, na freguesia de Sant'Ana do Jacaré (1898), tiveram todos algum tipo de comemoração que poderia incluir queima de fogos, missas campais, passeatas, bebidas alcoólicas, apresentações musicais ou bailes frequentados pelas famílias dos principais agentes arrolados com as melhorias locais.⁷⁹

E não eram dignos de festas apenas os melhoramentos públicos: algumas inaugurações de indústrias, casas de comércio ou colégios particulares contavam também com atos festivos, em geral, com o intuito de apresentar aos moradores e convidados da cidade ou dos distritos e freguesias próximas as instalações de algum novo estabelecimento comercial. O Grande Hotel, a Fábrica de Cervejas Oliveirense e o Colégio Oliveirense, inaugurados na cidade de Oliveira, respectivamente, nos anos de 1889, 1890 e 1896, são exemplos de iniciativas empresariais que foram, no dia de abertura para visita pública, acompanhadas de bênção de religiosos, fogos de artifício, espetáculos de música, comidas e bebidas. Quase obrigatoriamente, essas festividades de inauguração desdobravam-se em bailes, *sorries* ou jantares íntimos oferecidos pelos proprietários a investidores, famílias abastadas, autoridades públicas e jornalistas encarregados de noticiar o funcionamento das novas iniciativas comerciais.⁸⁰

As diversões não acabavam por aí. Bares, botequins ou tabernas também ofereciam bons momentos de distração por todo município oliveirense. Em diferentes registros de estabelecimentos dessa natureza que funcionavam

⁷⁹ Cf., respectivamente: Iluminação pública. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 mar. 1894, p. 1; Água potável. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 ago. 1895, p. 1; Cadeia de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 fev. 1898, p. 1; Santa Casa de Misericórdia. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1899, p. 1; Santana do Jacaré. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 out. 1898, p. 1; Japão. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 ago. 1899, p. 2; Carmo da Mata. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jul. 1900, p. 2; São Francisco de Paula. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 out. 1900, p. 2; Claudio. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 dez. 1900, p. 1; Santana do Jacaré. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 out. 1898, p. 1.

⁸⁰ Grande Hotel. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 jan. 1889, p. 1; Fábrica de Cerveja. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 nov. 1890; Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 21 jun. 1896, p. 2.

nas regiões do interior de Minas Gerais, um clima aprazado e, às vezes, tempestuoso, regado de jogos lícitos ou ilícitos, músicas com os mais variados instrumentos e o consumo exacerbado de cerveja, vinho, licores, cachaça ou bebidas destiladas era uma regra compartilhada por essas casas de molhados.⁸¹

Na sede de Oliveira, em 1819, quando a cidade era ainda uma nascente povoação, o naturalista francês Auguste de Sant-Hilare, em passagem pelo “lugarejo”, já comentava sobre a existência de “botequins” frequentados, segundo ele, pelos moradores rurais, quando estes visitavam a sede cidadina.⁸² De fato, era nos dias de missa e de festas dos santos católicos, quando as sedes das nucleações recebiam os visitantes das povoações, que os proprietários das casas de bebidas e comidas tendiam a conquistar um maior número de clientes. Isso porque, após o sagrado era a vez do profano; e como bem apontou Pinto Machado numa nota publicada em dezembro de 1897, praticamente não existiam em Oliveira distrações que pudessem competir com as “garras da taberna”.⁸³ Ainda segundo ele, na sede municipal, nos domingos e dias santos, depois das duas horas da tarde, ocasião em que geralmente já estavam encerradas as celebrações católicas, a “cachaça” passava a ser o “único artigo consumível pelos *habitués* das vendas onde vão esconder-se dos trabalhos que reclamam seus braços”.⁸⁴

Vis-à-vis, além das festas religiosas, cívicas e domésticas, ou das festas de inauguração de empreendimentos públicos e privados, ou ainda dos jogos, músicas populares e bebidas alcoólicas servidas nas casas de molhados, no período do carnaval, parte da população de Oliveira deleitava-se com o alvorecer dos folguedos. Até a última década do século XIX, a diversão ficava por conta do entrudo, uma brincadeira de origem ibérica trazida para o Brasil pelos portugueses ainda no período colonial, cujo objetivo consistia em molhar os adversários, atirando limões de cheiro, água, ovos ou farinha.⁸⁵

⁸¹ Ver: NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. *Divertimentos e tempo livre: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924)*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016; NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

⁸² SANT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2004, p. 85.

⁸³ *Semana a Semana. Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 dez. 1897, p. 2.

⁸⁴ *Semana a Semana. Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 6 fev. 1898, p. 2.

⁸⁵ Para uma síntese das diferentes maneiras de se brincar o entrudo no Brasil, ver: FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 23, n. 1, p. 149-161, junho 1996. Para uma discussão mais específica sobre o entrudo em Minas Gerais, ver: ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2008.

Em 1894, uma novidade foi introduzida nas comemorações do carnaval de Oliveira: um desfile de carros alegóricos, seguido de espetáculos musicais e bailes íntimos de mascarados, cuja iniciativa principal ficou a cargo do capitalista carioca Sr. José Barbosa de Miranda.⁸⁶ É bem verdade que, em 1890, um pequeno grupo de rapazes e “lindas *toilets*” já havia, nos dizeres de um cronista, “inventado o carnaval”, com a circulação de “troles cheios de mascarados” pelas ruas e praças centrais de Oliveira.⁸⁷ Contudo, nem de longe se comparava à grandiosa festa organizada pelo “Mirandão”, que chegou inclusive a contratar artistas do Rio de Janeiro para ornamentarem os cinco carros que compuseram o préstito alegórico.⁸⁸

Outros dois carnavais ao molde Veneziano tiveram festas na década final do século XIX, sendo um em 1897 e outro fora de época, em 1898, ambos também idealizados e promovidos pelo “Mirandão”, que fundou nesses dois anos o *Club dos Políticos Carnavalescos*.⁸⁹ Em todos, o timbre luzido dos carros de alegoria, do cortejo musical, do adereçamento do centro da cidade e dos salões particulares que sediarium os bailes de mascarados atraíram, segundo registros de imprensa, “um enorme concurso de povo”.⁹⁰

Em virtude dessa ativa participação no fomento de modalidades lúdicas inteiramente de acordo com os preceitos sociais que presidiam ações e mentalidades de vários grupos de elite da época, “Mirandão” logo foi retratado na imprensa de Oliveira como o “infatigável promotor das diversões”.⁹¹ Em abril de 1898, uma comissão liderada por jornalistas promoveu uma “manifestação” de agradecimento ao capitalista pela sua atuação no setor cultural, a qual teve como orador o imigrante português Pinto Machado:

O Dr. Pinto Machado, em nome da comissão promotora da manifestação, saudou o distinto moço significando-lhe sua admiração e gratidão pelo modo por que conseguia tirar a esta população da monotonia própria das cidades pouco movimentadas, proporcionando-lhes divertimentos do labutar constante de todos os dias, animando-lhes a um trabalho útil e proveitoso, pois que

⁸⁶ Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 14 jan. 1894, p. 2.

⁸⁷ Macaquitos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 23 fev. 1890, p.1.

⁸⁸ COELHO, José Demétrio. *Recordações de Oliveira*. Divinópolis, MG: Gráfica Planeta, 1950, p. 25-26.

⁸⁹ Grupo dos Políticos Carnavalescos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 28 fev. 1897, p. 3; Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 27 mar. 1898, p. 1.

⁹⁰ Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 11 fev. 1894, p. 1; Carnaval de 1897. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 07 mar. 1897, p. 1; Carnaval. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 1.

⁹¹ Corridas de cavalos. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 1.

a vida não se resume só a trabalhar sem tréguas, desejando ao Sr. Miranda todas as felicidades de que são credores sua alma generosa e seu coração magnânimo.⁹²

Todavia, se de uma parte o registro acima explicita o papel de destaque das iniciativas do “Mirandão” para tirar Oliveira de uma suposta “monotonia própria das cidades pouco movimentadas”, de outra revela certa negligência dos jornalistas locais com as diversões tradicionais oferecidas aos oliveirenses na sede da cidade, nas povoações ou nos distritos e freguesias municipais. Isto é, desconsiderando o importante papel das modalidades que já faziam parte do cotidiano lúdico do conjunto municipal e de seus promotores, grupos letrados tendiam a enxergar apenas os novos modismos europeizados que tomavam corpo e forma por intermédio dos valores e experiências do “Mirandão”, como capazes de proporcionar à população de Oliveira “divertimentos do labutar de todos os dias”.

Considerações finais

Naturalmente, não tenho a pretensão de exaurir o repertório tradicional de diversões públicas ou privadas negligenciadas por cronistas da imprensa naquele final de dezenove. Diversas outras modalidades lúdicas que compunham esse universo, a exemplo da fogueira de São Pedro, do jogo da malha e da caçada, poderiam ser incluídas.⁹³ No caso da caçada, uma carta do Sr. H. Montandon, da cidade de Ouro Preto, publicada no dia 22 de março de 1896, na *Gazeta de Oliveira*, dizia que se tratava de um “magnífico divertimento”, por meio do qual, segundo o correspondente ouro-pretano, “ali se encontram comoções violentíssimas e prazeres inefáveis”.⁹⁴ Em Oliveira, tal divertimento parece que angariava adeptos. Em setembro de 1900, uma notícia que trazia no título “Boa caçada”, veiculada pela *Gazeta*, informava que um grupo de caçadores do interior mineiro, entre os quais o jornalista oliveirense

⁹² Manifestação. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 17 abr. 1898, p. 1.

⁹³ Cf.: Casos e Cousas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1899, p. 1; Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 9 jan. 1890, p. 3; Boa Caçada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1900, p. 1.

⁹⁴ Caçada do mateiro. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 mar. 1896, p. 2. Uma descrição detalhada do formato das atividades cinegéticas promovidas no Brasil do século XIX, pode ser encontrada na primeira obra nacional específica sobre o tema, publicada no ano de 1860, qual seja: VARNHAGEN, F. A. *A caça no Brasil, ou Manual do caçador em toda América tropical acompanhado de um glossário dos termos usuais da caça*. E. & H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1860.

Carlos Sanzio, promoveu uma caçada na Serra de Carrancas, tendo matado, no período de doze dias, 376 perdizes.⁹⁵

Com efeito, os exemplos até aqui apresentados se prestaram essencialmente para o entendimento das razões pelas quais cronistas da imprensa tendiam a negligenciar o rol lúdico tradicional. Aos olhos de Pinto Machado e de outros jornalistas, não seria errado dizer que as recorrentes afirmações de “tédio” e “monotonia” eram mais uma questão de perspectiva histórica do que de realidade histórica. A cidade de fato não oferecia – com exceção das companhias ambulantes que eventualmente faziam turnês pela região do Oeste mineiro⁹⁶ ou das iniciativas (quase todas efêmeras) das casas de café e bilhar, das corridas do *Jokey Club* Oliveirense, dos clubes literários, recreativos, teatrais ou dançantes, dos desfiles de carros alegóricos e dos bailes de mascarados – entretenimentos engendrados com os anseios dos grupos letrados por uma europeização dos hábitos urbanos, o que torna compreensível a leitura de notas que se referiam a Oliveira como uma “terra onde não há o menor divertimento”.⁹⁷

Entre os fins da década de 1880 e princípios de 1890, Oliveira até contou com um “sofrível teatrinho”, segundo descrição da imprensa local, mantido por uma associação chamada Sociedade Teatral Oliveirense. No ano de 1892, no entanto, a Câmara Municipal solicitou que o clube teatral fizesse reparos no teatro, alegando risco de desabamento, o que provavelmente não foi atendido, uma vez que, no ano seguinte, o teatro foi demolido.⁹⁸ A Sociedade Teatral Oliveirense, seguindo o destino de várias iniciativas semelhantes na cidade naquele período, provavelmente foi diluída na mesma época.

A demolição do “sofrível teatrinho de Oliveira” foi acompanhada da publicação de uma série de notas na imprensa local, com o intuito de pressionar o poder público para a construção de uma nova casa de espetáculos. No século XIX, edifícios próprios para o funcionamento de teatros aparecem em vários discursos como parte de um conjunto de melhoramentos urbanos que determinavam o grau de adiantamento de uma localidade. Além disso, o teatro

⁹⁵ Boa Caçada. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 set. 1900, p. 1.

⁹⁶ Para uma discussão acerca das visitas de companhias ambulantes na região do Oeste mineiro no final do século 19, ver: XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. In: *Revista de História Regional*, v. 24, n. 1, p. 135-159, jan./jun. 2019.

⁹⁷ Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 abr. 1901, p.1.

⁹⁸ Câmara Municipal. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 13 mar. 1892, p. 2; Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 nov. 1893, p. 2.

também assumia, nesses discursos, um suposto papel pedagógico, “capaz de reformar os hábitos do público teatral”, atuando como uma espécie de “escola dos bons costumes”.⁹⁹ Em Oliveira, cronistas da imprensa, ávidos por lazeres sofisticados, usavam desses dois argumentos – índice de progresso e agente educativo – para justificar suas defesas em favor do teatro.¹⁰⁰

Apesar dos frequentes pedidos de um teatro que, nas palavras de um cronista anônimo, ocorriam “com a mesma insistência com que os investidores pedem a baixa do câmbio”,¹⁰¹ as dificuldades orçamentárias e a realização de melhoramentos de maior urgência, como o encanamento de água potável nas nucleações municipais e a iluminação pública da sede de Oliveira, inviabilizaram investimentos públicos para a edificação de uma casa de espetáculos. Iniciativas particulares também foram desmotivadas em meio a um cenário de crise do setor rural, escassez das atividades laborais, diminuição da população citadina e ondas de falências que acometeram vários estabelecimentos de comércio urbano.

Em março de 1894, um grupo de vereadores chegou a contratar o orçamento de construção de um teatro de “estilo moderno e elegante” com o engenheiro argentino Henrique Sastre.¹⁰² Entretanto, a obra, que foi orçada em 50:000\$000, correspondia a praticamente toda a receita de arrecadação do município para aquele ano, estimada em 56:000\$000, o que inviabilizava os esforços públicos para contratação do serviço.¹⁰³ Nos últimos anos do século XIX, ainda que as receitas de Oliveira tenham apresentado um leve crescimento de 25% entre os anos de 1893 e 1897 (período que coincide com o crescimento das exportações de gado),¹⁰⁴ a capacidade de investimentos em melhorias públicas foi comprometida por uma série de empréstimos feitos pela Câmara Municipal para os serviços de canalização e abastecimento de água potável em todos os distritos e freguesias municipais. Em fevereiro de 1900, um cronista publicou suas preocupações com o orçamento do município. Segundo ele, a remuneração dos funcionários, a manutenção dos serviços

⁹⁹ Para uma discussão a esse respeito, ver: HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018; MARZANO, Andrea. *Cidade em cena: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro, 1839-1892*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

¹⁰⁰ *Semana a Semana. Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12 dez. 1897, p. 2.

¹⁰¹ *Casos e Cousas. Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 jul. 1900, p. 1.

¹⁰² *Teatro Oliveirense. Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 18 mar. 1894, p. 2.

¹⁰³ *Câmara Municipal. Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1893, p. 3.

¹⁰⁴ Mais precisamente, as receitas do município saltaram de 56:000\$000 em 1893, para 70:000\$000 em 1900. Cf.: *Câmara Municipal. Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 out. 1893, p. 3; *Orçamento Municipal. Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.

públicos e o pagamento dos empréstimos da canalização de água consumiam todo o dinheiro arrecadado, ficando a Câmara Municipal obrigada “a restringir despesas, pautando-as com a mais severa economia”.¹⁰⁵

À vista disso, não apenas o teatro, mas diversos outros melhoramentos urbanos, também identificados por cronistas da imprensa como capazes de imprimir “ares de progresso” na cidade, não apresentavam condições orçamentárias para serem empreendidos. No dia 20 de março de 1898, Pinto Machado chegou a pedir que a Câmara Municipal trabalhasse na “criação de um corpo de bombeiros e aquisição dos materiais necessários para extinção de incêndios”, citando como exemplo as corporações humanitárias da Europa.¹⁰⁶ Obviamente que os desejos dos cronistas por melhoramentos urbanos alinhados com os padrões europeus – o que incluía espaços para o lazer da população – esbarravam na falta de dinheiro para investimentos públicos, tornando irrealizáveis quase todas as solicitações de ações públicas de cunho modernizador veiculadas nas páginas da imprensa de Oliveira nos anos finais do século XIX.

Apenas a partir da primeira década do século XX, com a progressiva adaptação dos agricultores ao trabalho livre e um novo aquecimento das feiras de gado do Rio de Janeiro, foi que o município de Oliveira iniciou um movimento de ampliação da produtividade dos setores agrícola e pastoril. Na década de 1910, esse movimento assumiu contornos dramáticos com um surto produtivo das áreas rurais, motivado, entre outras coisas, pela crescente demanda de gêneros de subsistência para as populações dos dois maiores centros urbanos do Brasil no período, nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo, e pelos impactos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que provocaram uma forte retração das importações brasileiras de bens de consumo, alimentos, manufaturas e insumos para as indústrias, além de gerar novas demandas de abastecimento de gêneros, como carnes congeladas, banha, açúcar refinado ou tecidos para os países aliados envolvidos no conflito bélico.

Logo, o município de Oliveira passou a conviver, na sede urbana, com uma série de transformações de ordem econômica, demográfica e cultural. Essa nova fase, na qual o surgimento de um repertório diversificado de espaços públicos e estabelecimentos comerciais voltados para o lazer da população passava a servir como fonte de renda para empresários, ao mesmo tempo em que dramatizava as expectativas das elites letradas que reivindicavam,

¹⁰⁵ Orçamento Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 dez. 1900, p. 1.

¹⁰⁶ *Semana a Semana*. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 20 mar. 1898, p. 2.

nas páginas da imprensa, por práticas consideradas mais modernas e de bom gosto, escapou aos desideratos da atual pesquisa, sendo objeto de análise em outra oportunidade.

Referências

- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, jul./dez. 2017.
- ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2008.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BATISTA, Felipe Alvarenga; BARBOSA, Lidiany Silva; GODOY, Marcelo Magalhães. Transportes, modernização e formação regional – subsídios à história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940. In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, p. 162-203, 2012.
- BIBBÓ, Caroline Bertarelli. *Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- COELHO, José Demétrio. *Recordações de Oliveira*. Divinópolis: Gráfica Planeta, 1950.
- CUNHA, Alexandre Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo. Horizonte, v.11, n. 16, p. 57-70, jan./jun. 2009.
- DIAS, Cleber; COTES, Marcial. Esporte e lazer em Ilhéus na Primeira República (c. 1889-1930). Mimeo.
- FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 23, n. 1, p. 149-161, junho 1996.
- GAMBETA, Wilson. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.
- HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2018.

LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *Ferrovia, sociedade e cultura, 1850-1930*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

MARTINS, William de Souza Nunes. *Paschoal Segreto: “ministro das diversões” do Rio de Janeiro (1883-1920)*. Rio de Janeiro: Autografia, 2014.

MARZANO, Andrea. *Cidade em cena: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro, 1839-1892*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

MELO, Victor de Andrade. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. *Divertimentos e tempo livre: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924)*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1993.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PERES, Léa Freitas (Coor.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

SADI, Renato Sampaio; ADÃO, Kleber do Sacramento (Orgs.). *Lazer em São João del-Rei: aspectos históricos, conceituais e políticos*. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. *Cultura: as apostas na república*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz, *História do Brasil nação: a abertura para o mundo, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Vol. 3, p. 239-294.

SANT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2004.

SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Luciano Pereira da. *Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SOARES, Priscila Gonçalves. *História das práticas corporais e diversão na Zona da Mata mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguases/MG e Juiz de Fora/MG*. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 405-428, dez. 2018.

SOUZA, Eliza Salgado. *Esportes em Manaus, 1880- 1910*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

VARNHAGEN, F. A. *A caça no Brasil, ou Manual do caçador em toda América tropical acompanhado de um glossário dos termos usuais da caça*. E. & H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1860.

XAVIER, Rosana Daniele. *Respeitável público*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. *Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19*. In: *Revista de História Regional*, v. 24, n. 1, p. 135-159, jan./jun. 2019.

Artigo enviado para publicação em 08/07/2021
Artigo aprovado para publicação em 13/05/2022